



Universidade Federal
de Campina Grande

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS - CCJS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

CÍNTIA DO NASCIMENTO
VALDENORA BERNARDO DE FIGUEIREDO

CADEIA DE PRODUÇÃO APÍCULA DA ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES DO ALTO
SERTÃO PARAIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais (CCJS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – na modalidade Artigo Científico –, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Wellington Ferreira de Melo

SOUSA - PB

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Biblioteca Setorial de Sousa UFCG/CCJS
Bibliotecária – Documentalista: MARLY FELIX DA SILVA – CRB 15/855

N244c

Nascimento, Cíntia do.

Cadeia de produção apícola da associação dos apicultores do Alto Sertão Paraibano. / Cíntia do Nascimento; Valdenora Bernardo de Figueiredo. - Sousa: [s.n], 2019.

16 fl.

Artigo Científico (Curso de Graduação em Administração) – Centro de Ciências Jurídicas e Sociais - CCJS/UFCG, 2019.

Orientador: Prof. Me. Wellington Ferreira de Melo.

1. Apicultura. 2. Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano. 3. Município de Aparecida/PB. 4. Perfil dos produtores. 5. Produção Apícola. 6. Sustentabilidade. I. Figueiredo, Valdenora Bernardo de. II. Título.

Biblioteca do CCJS - UFCG

CDU 638.1(813.3) (043.1)

CADEIA DE PRODUÇÃO APÍCULA DA ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES DO ALTO SERTÃO PARAIBANO

RESUMO: No Município de Aparecida, no Estado da Paraíba, a Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano – ASPA pode ser considerada uma iniciativa econômica popular urbana que possui no trabalho coletivo e na natureza democrática das tomadas de decisão os elementos centrais de identidade comum em meio a diversidade dos seus associados. Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de investigar a cadeia de produção apícola protagonizada pela Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano – ASPA no Município de Aparecida/PB a partir dos indicadores socioeconômicos e produtivos. Para realização deste trabalho foram realizados levantamentos bibliográficos em diversas fontes como livros, internet, apostilas de apoio e planilhas da ASPA. A pesquisa em campo foi realizada com os apicultores dessa organização obtendo dados importantes a respeito dessa atividade. Informações como o perfil dos produtores, produção apícola e a sustentabilidade que há nessa atividade foram todos trabalhados nesse estudo. O instrumento de coleta foi o questionário. Os resultados extraídos da pesquisa apresentam a cadeia produtiva apícola como sendo uma atividade econômica sustentável capaz de promover o desenvolvimento econômico, ambiental e social dos membros ativos inseridos nessa atividade.

Palavras-chaves: Apicultura. Cadeia produtiva. Sustentabilidade. Meio ambiente.

INTRODUÇÃO

A economia solidária se tornou uma forma diferente de produzir, vender, comprar e até mesmo trocar o que é preciso entre indivíduos sociais. Enquanto estamos acostumados com o sistema capitalista caracterizado pelo espírito competitivo e com foco principal no lucro, nos últimos anos os empreendimentos de economia solidária ganharam força e espaço com seus sistemas baseados em cooperação, autogestão, ação econômica e solidariedade (MTE, 2015).

No Brasil, as primeiras nuances em resposta à lógica capitalista começaram a surgir nas décadas de 1950 e 1970, porém foi apenas no decorrer da década de 1990 que tal condição social começou a se fortalecer através de grupos que se apresentavam tendo como base o cooperativismo e o associativismo, passando a ganhar maior notoriedade no campo político nacional e regional (PITAGUARI et al., 2012).

No tocante a apicultura, Silva (2010) anota que é uma atividade que acolhe os três pilares da sustentabilidade: o econômico, o social e o ambiental. Segundo o mesmo autor, a tecnologia (arte) é capaz de fornecer fonte de renda para o apicultor, necessita de mão-de-obra familiar ou contratada e também contribui para a conservação da flora nativa, pois é através dela que são retirados o néctar e o pólen, itens essenciais para a vida das colméias.

Tratando-se do ponto de vista organizacional, este estudo torna-se importante pelo fato das atividades apícolas na comunidade serem desenvolvidas através de uma associação. No Município de Aparecida, no Estado da Paraíba, a Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano – ASPA pode ser considerada uma iniciativa econômica popular urbana que possui no trabalho coletivo e na natureza democrática das tomadas de decisão os elementos centrais de identidade comum em meio a diversidade dos seus associados.

As instituições de economia solidária no Brasil surgiram no papel social como uma forma inclusiva, tornando-se uma alternativa ao capitalismo vigente no aspecto do trabalho, principalmente em locais com baixas oportunidades de emprego assalariado, tal qual a realidade do Município de Aparecida/PB.

Sendo Aparecida/PB um Município de grande riqueza ambiental, parte da população se dedica à atividades agropecuárias, uma vez que a dinâmica comercial e a estrutura política governamental pública não oferecem oportunidades suficientes de emprego para suprir a demanda dos cidadãos. Nesse contexto, podemos perceber o quão é importante as atividades promovidas pela Associação ASPA no município de Aparecida/PB, que através de práticas que se beneficiam tanto do clima quanto da vegetação predominante da região – típicas do semiárido nordestino, combinadas ao pensamento tradicional cultural, acabam gerando às famílias a oportunidade tanto de manter-se dignamente através das atividades apícolas como também promover a diminuição da evasão populacional do município.

A escolha desse tema destaca o fato da Associação ASPA ser importante para a população municipal de Aparecida-PB e região, e ainda não possuir muitos estudos sobre a atuação da mesma, assim se faz necessário recortar a realidade da associação como foco desse trabalho. Diante deste cenário, a justificativa dessa pesquisa reside na importância de estudar a organização social e a solidariedade dos/entre os apicultores da ASPA, o valor de se pesquisar o que está no campo da vida real e próximo ao ambiente acadêmico – a realidade local – é que faz desta pesquisa a razão da sua proposição.

Em âmbito local, esse estudo poderá auxiliar os produtores como fonte de informações, inexistente até então. Dados sobre a organização e campo de atuação, sobre a produção e desenvolvimento poderão proporcionar um melhor entendimento da realidade dos apicultores. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar a cadeia de produção apícola protagonizada pela Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano – ASPA no Município de Aparecida/PB a partir dos indicadores socioeconômicos e produtivos.

DISCUSSÃO TEÓRICA

O termo economia solidária foi adotado a partir dos anos 1980, sendo utilizado para definir o posicionamento social em resposta alternativa ao sistema capitalista dominante. Pode ser definida como uma forma de organização baseada na igualdade e caracterizada pela dimensão econômica que valoriza os direitos de forma igualitária, baseada na existência de cooperação e solidariedade entre membros e constituída pela autogestão da instituição (BORINELLI; SANTOS; PITAGUARI, 2010).

Sendo assim, as atividades devem ser regidas pelos princípios de cooperação, autogestão, ação econômica e solidariedade. Onde o sistema é baseado na democracia e todos os membros possuem voz com direitos iguais. Não possuindo cargos hierárquicos rigidamente definidos como em uma organização capitalista e o grupo participa por inteiro das decisões do negócio, divisão do trabalho e repartição dos resultados.

Nos últimos anos a economia solidária vem se mostrando uma alternativa bastante inovadora em relação a geração de trabalho e renda como uma solução a favor da inclusão social. Caracteriza-se por “basear a atividade econômica de produção, serviços, comercialização, finanças e consumo na democracia e na cooperação” (LIMA, 2016, p. 8). Contém variadas práticas sociais e econômicas compostas sob a forma de associações, cooperativas, empresas autogestionárias, clubes de troca, redes de cooperação, e outras, participantes de atividades de prestação de serviços ou produtores de bens, trocas, consumo solidário, comércio justo e finanças solidárias (SILVA, 2017).

Foi a partir dos anos 1990 que o perfil da economia solidária começou a tomar mais identidade social no Brasil. O termo se tornou algo para caracterizar os movimentos sociais

tanto nos meios urbanos como rurais dentro de um quadro sociopolítico de estagnação econômica. Gradativamente, o termo economia solidária começou a ser adotado como definição comum entre organizações de cunho social, tais como sindicatos, igrejas, instituições de ensino, entre outras. Essa característica facilitou a formação de redes em nível nacional para a padronização de seus princípios (SILVA e NAGEM, 2011; SILVA, 2012).

Ganança (2006) afirma que o associativismo possui uma função essencial para a manutenção e o equilíbrio do sistema político ao possibilitar a união de interesses e sua expressão na esfera pública. A união das pessoas para solucionar suas dificuldades comuns e conseguir melhorar sua situação de vida impulsiona o desenvolvimento de uma população. Nesse sentido, existem muitos exemplos em que o associativismo possibilitou a conquista dos direitos culturais, direitos sociais e direitos econômicos.

Dentro desse contexto de grupos solidários, de acordo com a lei nº 10.406/2002, em seu art. 53, a união de pessoas que se organizem para fins não econômicos pode ser definida como associações. São formadas por pessoas físicas de iniciativas formais ou informais, que possuem objetivos comuns, exceto obter lucro, visando vencer dificuldades e gerar benefícios para o grupo, unindo-se por possuírem características básicas semelhantes (SENADO FEDERAL, 2008).

As associações adotam os princípios da doutrina do associativismo e expressam a crença de que a união traz as melhores soluções para os conflitos sociais. Tais princípios servem de base para as várias formas de associações. Sendo diferenciadas pelos objetivos que cada grupo pretende alcançar (CARDOSO; CARNEIRO; RODRIGUES, 2014) e possuindo regulamentação na Constituição Federal e no Código Civil.

Ainda vale salientar que no Nordeste as associações mais recorrentes fazem parte da categoria de produtores, que são representadas pelos pequenos proprietários rurais e de artesões, que se organizam para realizarem atividades produtivas e/ou defesa dos interesses comuns, podendo inclusive agir como uma representação política.

O setor agropecuário brasileiro mostra, atualmente, grande potencial para o segmento da agricultura familiar. Esta que é responsável pela produção de alimentos tanto para a população do campo quanto da cidade e tal desenvolvimento da categoria se torna cada vez mais promissor graças a criação de políticas públicas específicas que resguarda os produtores e contribui para a permanência das famílias no meio rural (MAGALHÃES e BORGES, 2012).

Dentro das várias categorias desenvolvidas pelos produtores agropecuários podemos destacar a produção de mel através da criação produtiva das abelhas, atividade essa que vem se tornando uma área com bastante destaque entre as produções rurais, tanto por seu manejo conviver com outras atividades desenvolvidas na propriedade, como por ser possível efetuar a participação de outros membros da família que não estejam absorvidos nas atividades principais. Assim como também por proporcionar o acréscimo de renda através do aproveitamento do potencial natural do meio ambiente e de sua capacidade produtiva. A apicultura tornou-se uma atividade agrícola com métodos de exploração menos agressivos ao meio ambiente e mais ajustada aos ecossistemas locais. O seu modo de produção agroecológico e orgânico se tornaram opções de produção mais viável (SOUSA et al., 2012).

Silva (2010) afirma que a atividade da apicultura também corresponde ao tripé da sustentabilidade, sendo elas o fator social, o fator econômico e o ambiental. Em relação ao setor econômico a apicultura aparece como uma geradora de emprego e oportunidade de renda, inclusive por ser uma atividade que gera lucro aos produtores. No setor social tal atividade possibilita melhor desenvolvimento dos agricultores, ajudando a impulsionar o desenvolvimento local.

Para Silva (2010) outro fator importante na criação de abelhas é a característica de ser uma atividade polinizadora, onde a abelha é o maior contribuinte para a melhora da

produtividade de plantas domesticadas, assim como também garante as plantas silvestres. Fato extremamente benéfico para o ser humano e para a agricultura.

Atualmente, o Brasil possui características peculiares de clima e flora que, junto à presença da abelha africanizada, lhe traz grande potencial para o desenvolvimento da atividade apícola, pouco explorado no país. É quanto ao Nordeste, é uma das regiões mais favorecidas para a atividade apícola, sendo que atualmente muitos estados se destacam na produção de cera, pólen, apitoxina, própolis e geleia real. Produtos esses que ultrapassam o valor do próprio mel. A Paraíba, por exemplo, destaca-se pelo crescimento notável que a Apicultura está alcançando principalmente no sertão desse estado, embora seja uma região vítima da instabilidade climática (SOUSA et al., 2012).

Infelizmente, existem poucos registros sobre a atividade apícola na Paraíba, assim como também não há muitos estudos registrados sobre a cadeia de produção da apicultura. Entretanto, sabe-se que a região nordeste está entre as poucas do mundo que conseguem produzir uma grande quantidade de mel orgânico. Isso acontece graças a diversidade da flora e de microclimas, combinadas com as inúmeras áreas onde não se utiliza agrotóxicos no plantio tornando essa região muito propícia para a produção do mel orgânico, produto esse que hoje é bastante valorizado e procurado pelo mercado internacional.

A apicultura pode ser vista como uma atividade importante no papel socioeconômico, pois possibilita a oportunidade de vários empregos diretos e indiretos. Afinal, se faz necessária a presença de mão-de-obra em praticamente todo o processo, desde a manutenção dos apiários até a produção de equipamentos utilizados. Desse modo beneficia pequenos e médios agricultores com trabalhos relacionados tanto com o beneficiamento dos produtos agrícolas como também pela polinização dos pomares pela criação das abelhas (SOUSA et al., 2012).

Segundo Batalha (2009), a sequência de operações de produção associadas para a obtenção de determinado produto pode ser chamada de cadeia de produção. Do qual tais cadeias de produção agroindustrial podem ser divididas em três macros segmentos, sendo elas a produção de matérias-primas, a transformação e a comercialização. O fundamento das cadeias indica que os consumidores dos produtos são os principais agentes responsáveis pelas mudanças nos processos, mesmo quando consideramos os demais atuantes como elementos de mudança. Nesse caso, podemos descrever uma cadeia de produção como um grupo de componentes que se relacionam em um processo produtivo que propõe produtos e/ou serviços aos consumidores.

Em 2005 foi realizada uma pesquisa no Estado da Paraíba através do SEBRAE/PB (2006), onde foram entrevistados 468 criadores de abelhas pertencentes as oito maiores concentrações nas regiões do Cariri, Agreste-Brejo, Mata Litorânea, Vale do Sabugi, Curimataú-Seridó, Piancó-Teixeira, Serra do Teixeira, como também parte do médio Piranhas representada por Catolé do Rocha. Essa pesquisa identificou que a apicultura paraibana está em constante crescimento, ganhando interesse nos últimos anos e a maioria dos apicultores participantes do estudo estavam exercendo a atividade em período recente. O que mostra como a criação de abelhas e a produção de mel está se tornando uma atividade de popularidade ainda em ascensão com grande potencial econômico, ambiental e social.

MATERIAIS E MÉTODOS

Por descrever o funcionamento da cadeia de produção apícola da ASPA, a pesquisa foi de cunho exploratório e descritivo. Exploratória porque buscou investigar uma dada realidade pouco estudada – o que se aplica às investigações em relação à ASPA, no Município de Aparecida/PB. Além disso, a pesquisa em questão foi classificada como quantitativa, isso

quer dizer que as respostas que estão sendo procuradas poderão ser traduzidas em números, ou seja, quantificáveis.

Quanto aos meios, o estudo enquadra-se em pesquisa de campo, visto que foi desenvolvido em uma associação específica, retratando aquela realidade própria. A pesquisa de campo define-se pela apuração em que se realiza a coleta de dados junto a pessoa com o recurso de distintos tipos/técnicas de pesquisa, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental (GERHARDT e SILVEIRA, 2009) – embora neste delineamento a investigação mire o universo associado à ASPA.

Nesta produção científica, a pesquisa tomou como amostra o universo formado pelos associados da ASPA. Consequentemente trabalhou um censo com os 33 associados. Sendo assim, a coleta dos dados adotou um formulário adaptado do instrumento elaborado pelo Grupo de Políticas Públicas e Gestão Social do CCJS-UFCG, desenvolvido pelo professor mestre Wellington Ferreira de Melo, e estruturado com 29 questões de múltipla escolha, subdividido em 06 seções. Tal modelo foi ajustado para seguir o que foi acordado nos objetivos da pesquisa, onde as informações coletadas através desse instrumento auxiliaram a investigação para caracterizar a cadeia produtiva apícola onde está inserida a ASPA e como a mesma está estruturada a partir de indicadores socioeconômicos e produtivos.

Desse modo, foi utilizada a estatística descritiva simples como técnica de análise dos resultados. Neste sentido, os dados coletados na pesquisa de campo foram avaliados de forma quantitativa através da interpretação dos fatos em tabelas e quadros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ASPA é uma entidade civil, sem fins econômicos de natureza jurídica e de direito privado, constituída oficialmente na data de 23 de agosto de 2003 no Município de Aparecida, no Estado da Paraíba e, conforme a Lei nº. 13.019 de julho de 2014, não distribui entre os seus associados eventuais resultados, sobras, excedentes operacionais ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades. E que os aplica integralmente na consecução do respectivo objeto social, de forma imediata ou por meio da constituição de fundo patrimonial ou fundo reserva. E de acordo com o seu Estatuto, tem por finalidade expandir a atividade apícola com o intuito de propiciar publicamente e socialmente, ao homem rural uma fonte de renda alternativa, através da coleta de mel e outros produtos apícolas, da polinização, da formação em manejo apícola e da produção de materiais.

A ASPA está articulada em uma grande rede e atualmente atua nos municípios de Aparecida, Jericó, São Bentinho, Sousa, São Francisco, Uiraúna, Pombal [Paraíba] e Umarí [Ceará]. Fundada inicialmente por 16 apicultores, hoje a ASPA conta com 33 associados, todos ativos tanto nas atividades apícolas como também em seus deveres e obrigações junto à associação. A ASPA é organizada em cargos administrativos, quais sejam: um presidente, um vice-presidente, um secretário e um tesoureiro. Sendo seguidos pelo conselho fiscal onde constam três cargos titulares e três cargos suplentes. Todos eleitos através dos votos dos associados conforme consta no Estatuto da associação.

A princípio, na Tabela 1, foi realizada uma breve identificação do perfil dos associados. Dentre elas, questões relacionadas à idade, escolaridade, composição familiar, entre outras informações.

Fica visível que a maioria dos apicultores é do sexo masculino, ou seja, 97% dos entrevistados. Entretanto, é perceptível que 3% são compostos pelo sexo feminino. Isso não significa necessariamente o afastamento feminino das atividades, pois é evidente que algumas esposas e filhas também auxiliam os associados na atividade apícola, o que acaba transformando a atividade em uma prática familiar.

Em relação à "composição familiar", observa-se que 6 associados são solteiros e vivem com os pais, enquanto uma maioria de 81,8% dos entrevistados vive com suas esposas e filhos, sendo que 18,2% desse último grupo vive em uma união consensual. Esses números permitem concluir que o grupo de associados é constituído por pessoas que almejam permanecer residindo em suas comunidades, já que enxergam a apicultura como uma atividade de grande potencial para a região. Tal pensamento coincide com a ideia de Batista Júnior (2013) quando afirma que "a apicultura é uma atividade produtiva em franca expansão, apresentando-se como uma excelente alternativa de exploração de propriedades rurais". Nenhum dos produtores mostrou interesse em sair de suas terras e se mudarem para outros locais, justamente por acreditarem na oportunidade de desenvolver não somente a apicultura, como também outras atividades agrícolas e produzir onde moram com suas famílias.

Tabela 1 - Indicadores Socioeconômicos

INDICADORES SOCIOECONOMICOS					
Idade	FR	FA	Tempo na agropecuária	FR	FA
21 a 30 anos	6,1%	2	1 a 20 anos	36,4%	12
31 a 40 anos	30,3%	10	21 a 30 anos	30,3%	10
41 a 50 anos	39,3%	13	31 a 40 anos	21,3%	7
51 a 60 anos	18,2%	6	41 a 50 anos	9%	3
Mais de 61 anos	6,1%	2	Acima de 50 anos	3%	1
Total	100%	33	Total	100%	33
Sexo	FR	FA	Estado civil	FR	FA
Masculino	97%	32	Casado (a)	63,6%	21
Feminino	3%	1	Solteiro (a)	18,2%	6
Total	100%	33	União consensual	18,2%	6
			Total	100%	33
Escolaridade	FR	FA	Filiação a sindicato	FR	FA
Analfabeto	0%	0	Sim	66,7%	22
Fundamental I incompleto	24,2%	8	Não	33,3%	11
Fundamental I completo	21,2%	7	Total	100%	33
Fundamental II incompleto	9,1%	3	Município/residência	FR	FA
Fundamental II completo	9,1%	3	Aparecida/PB	48,5%	16
Médio incompleto	9,1%	3	Jerico/PB	24,3%	8
Médio completo	15,2%	5	São Bentinho/PB	9,1%	3
Superior incompleto	0%	0	Sousa/PB	6,1%	2
Superior completo	12,1%	4	São Francisco/PB	3%	1
Assina	0%	0	Uiraúna/PB	3%	1
Total	100%	33	Pombal/PB	3%	1
Principal atividade econômica	FR	FA	Umarí/CE	3%	1
Apicultura	36,4%	12	Total	100%	33
Pecuária	15,2%	5	Reside na propriedade que desenvolve a atividade de apicultura		
Agricultura	27,3%	9	FR	FA	
Servidor público	12,1%	4	Sim	78,8%	26
Autônomo	9%	3	Não	21,2%	7
Total	100%	33	Total	100%	33

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Dando continuidade à análise da Tabela 1, constatou-se que 48,5% dos associados residem no município de Aparecida, local esse onde está instalada a sede da ASPA. Em

relação aos outros associados, oito estão residindo no Município de Jericó, três moram atualmente em São Bentinho, dois residem em Sousa, enquanto os demais estão em São Francisco, Uiraúna, Pombal e Umarí, sendo esse último um Município pertencente ao estado do Ceará.

Tais dados apontam que mesmo tendo apicultores que não residam no local o qual está inserida a sede da associação, não afeta a sua participação ativa como membro e que desfrutam de todos os direitos e deveres de forma igualitária aos demais associados que residem no Município de Aparecida. E que o fato de haver associados de outro estado e municípios só afirma a potencialidade de expansão da associação. Isso porque a ASPA é uma organização que visa não somente a comunidade onde está inserida, assim como também todas as comunidades adjacentes.

Ainda em relação à Tabela 1, quanto ao "grau de escolaridade", é observado que 24,2% dos entrevistados não conseguiram concluir o ensino fundamental I. Percebe-se também que apenas 12,1% possuem o ensino superior. Entre os demais, tem-se que 15,2% concluiu o ensino médio, 21,2% concluiu o ensino fundamental I e 9,1% chegaram a terminar o ensino fundamental II. Constata-se aqui o baixo grau de escolaridade da maioria dos apicultores. E de acordo com os relatos de alguns deles, essa realidade se deve ao fato da árdua dificuldade que enfrentavam para estudar, mas principalmente pela necessidade de ajudar na renda familiar desde muito cedo.

Infelizmente, desde três ou quatro décadas atrás, é comum que as famílias sertanejas optem por recorrer à mão de obra infantil nas atividades agrícolas de âmbito familiar, preferindo expor as crianças ao trabalho agropecuário ao invés do incentivo educacional. Os dados também apontam que a maioria dos associados cresceu em zonas rurais e que ajudavam a família nas atividades agrícolas principalmente pela baixa renda obtida pelo arrimo de família graças à falta de oportunidades de emprego assalariado. É perceptível que o trabalho infantil agrícola costuma ser frequente entre crianças e adolescentes do sexo masculino, entretanto, a ocorrência entre meninas não é incomum. Além disso, a probabilidade de participar das atividades agrícolas parece aumentar à medida que a idade avança (KASSOUF, 2010). Dessa forma, muitos associados relatam que preferiram tomar para si a responsabilidade de complementar a renda familiar através do trabalho, ao invés de optar pelo término dos estudos.

Contudo, não podemos nos esquecer dos 12,1% que possuem o ensino superior completo. É perceptível que se trata de pessoas mais jovens em relação aos outros associados, e os mesmos relataram que optaram pelo ensino superior graças ao incentivo não apenas da família, como também pelo interesse incessante de adquirir conhecimento e maior acesso as universidades. Já que de acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2014) as universidades federais dobraram a oferta de vagas por todo o Brasil. Passando de 109,2 mil em 2003 para até 222,4 mil em 2010.

Ao serem questionados a respeito da "principal atividade econômica", na Tabela 1, 36,4% afirmaram ser a apicultura, 27,3% declararam tirar a maior renda de atividades relacionadas à agricultura (fruticultura, cultura do sequeiro), 15,2% disseram ser a pecuária sua maior fonte de renda e 12,1% atua no serviço público. Sendo que apenas 9% tem autônomo (comércio) como sua principal atividade. Além disso, uma maioria de 66,7% dos entrevistados são filiados a algum tipo de sindicato rural, enquanto 33,3% não são.

Através desses dados, é perceptível a importância da apicultura para esses trabalhadores. De acordo com Vidal (2013), "atualmente, existem cerca de 46.356 apicultores em toda a região Nordeste e a maioria possui até 200 colmeias". Isso mostra o quanto a atividade da apicultura está crescendo e ganhando espaço como uma grande contribuição para a renda de quem a desenvolve. A apicultura é um setor muito promissor no Nordeste, pois além da vocação da região para a produção apícola, o cenário composto pela flora nativa

diversificada possibilita a produção de mel livre de pesticidas agrícolas e resíduos de antibióticos (VIDAL, 2013).

Nesse cenário, conforme apresentado na Tabela 2, podemos observar pela pesquisa o total de pessoas por família. Observou-se que 18,2% das famílias são compostas por duas pessoas, 12,2% possuem três pessoas, 48,4% têm quatro pessoas e outros 18,2% famílias que possui mais de cinco pessoas. Ao realizar uma média aritmética simples, nota-se que as famílias possuem, aproximadamente, 3,7 pessoas. Assim, fazendo um comparativo com dados coletados pela PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio), apresentadas no ano de 2012, na qual se constata que a família brasileira se compõe de três integrantes, nos permite deduzir que o diagnosticado nas famílias dos produtores não está muito acima de tal média.

Tabela 2 – Número de pessoas por família

Composição familiar	Frequência Relativa	Frequência Absoluta
Uma pessoa	0 %	0
Duas pessoas	18,2%	6
Três pessoas	12,2%	4
Quatro pessoas	48,4%	16
Cinco Pessoas	18,2%	6
Mais de cinco pessoas	3%	1
Total	100%	33

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Contudo, apesar de ser uma atividade com grandes contribuições para essas famílias, se torna notável conforme Tabela 3, que ainda são poucos os membros desses polos que a desenvolvem. Observa-se que apenas 27,3% dos associados possui a ajuda de pelo menos uma pessoa do seio familiar, sendo que 9,1% costumam ter a ajuda de dois familiares e apenas 3% possuem a ajuda de três ou cinco familiares. 21,2% dos associados alegaram desenvolverem a atividade apícola sozinhos, enquanto uma maioria de 36,4% alegou trabalharem em conjunto com outros apicultores da região. De fato, esse dado é preocupante pela razão dessa atividade não estar sendo aplicada ao máximo como uma atividade familiar. De acordo com a observação feita em campo, fica perceptível que grande parte dos apicultores trabalha sem a participação ativa dos filhos, assim como ficou nítido que alguns apicultores de idade mais avançada não possuem nem ao menos participação de outros familiares.

Tabela 3 - Total de pessoas que ajudam na produção apícola

Nº de pessoas	Número de Pessoas que ajudam nas atividades apícolas	
	Frequência Relativa	Frequência Absoluta
Um familiar	27,3%	9
Dois familiares	9,1%	3
Três familiares	3%	1
Quatro familiares	0%	0
Cinco familiares	3%	1
Trabalha sozinho	21,2%	7
Outros apicultores	36,4%	12
Total	100%	33

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

A grande maioria dos associados alega que recebem ajuda de suas esposas nas atividades apícolas, mas que seus filhos não se envolvem tanto, e sendo assim, podemos deduzir que a apicultura na região, atualmente, na visão local, não se apresenta como uma atividade promissora para os jovens. Não existe muito interesse de se incluírem nas atividades. Isso se mostra como algo desagradável, já que a apicultura atualmente permite o consórcio com qualquer outra atividade agropecuária, pois não existe concorrência com os animais no pastejo e, além disso, abelhas acabam beneficiando as produções nas atividades da agricultura.

De acordo com Camargos (2010), a apicultura oferece, além do mel, produtos como geleia real, pólen, própolis e apitoxina. Tais produtos são capazes de trazer uma renda significativa para quem os comercializa. A inclusão do público mais jovem em tal atividade poderia acarretar tanto uma mão-de-obra com uma maior facilidade de qualificação como também mais adaptada às novas tecnologias.

Tabela 4 - Indicadores produtivos

INDICADORES PRODUTIVOS					
Tempo que trabalha na Apicultura	FR	FA	Familiares com renda não-agrícola	FR	FA
1 a 5 anos	6%	2	Aposentadoria/pensão	27,3%	9
6 a 10 anos	27,3%	9	Incentivo do Governo	51,5%	17
11 a 15 anos	33,3%	11	Comércio	3%	1
16 a 20 anos	12,2%	4	Outra	3%	1
Mais de 21 anos	21,2%	7	Não possui	15,2%	5
Total	100 %	33	Total	100 %	33
Atividade mais rentável	FR	FA	Venda de mão de obra para alguma empresa	FR	FA
Apicultura	36,4%	12	Sim	12,1%	4
Bovinocultura	12,2%	4	Não	87,9%	29
Cultura do sequeiro	24,2%	8	Total	100 %	33
Caprinovinocultura	12,2%	4	Reside na propriedade onde desenvolve a atividade de apicultura	FR	FA
Fruticultura	9%	3	Sim	78,8%	26
Aquicultura	6%	2	Não	21,2%	7
Total	100 %	33	Total	100 %	33
Produtos derivados da apicultura	FR	FA	Considera que a atividade de apicultura	FR	FA
Somente Mel	6%	2	Dá prejuízo	0%	0
Mel e Cera	88%	29	Apenas cobre custos	3%	1
Mel, cera e polinização	3%	1	Pouco lucrativa	9,2%	3
Mel, cera e própolis	3%	1	Lucrativa	63,6%	21
Geleia real	0%	0	Muito lucrativa	24,2%	8
Apitoxina	0%	0	Total	100%	33
Total	100 %	33			

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Em relação ao tempo de prática apícola, na Tabela 4, os indicadores produtivos mostram que 33,3% dos associados estão trabalhando com a apicultura há quase quinze anos. Sendo que 27,3% deles já desenvolvem a atividade entre seis a dez anos. Além de 12,2% estarem desenvolvendo atividades apícolas há quase vinte anos e 21,2% já passaram dos vinte

anos exercendo essa atividade. De acordo com os 6% que estão desenvolvendo a atividade há menos de 5 anos, foi alegado ter dado início à atividade no período em que a associação começou a apresentar projetos com capacitações na área apícola. Entretanto, os demais alegaram já exercer a atividade de forma artesanal, e apenas aperfeiçoaram por meio da ASPA. Eles relataram que decidiram se unir à Associação justamente por perceberem ser mais viável para desfrutarem de maiores benefícios. Isso só corrobora o pensamento de Sena et. al. (2017) que afirma as associações rurais como um instrumento para o alcance de bens e serviços, auxiliando pessoas com objetivos mútuos, para facilitar o alcance desses objetivos já que o acesso aos recursos se torna difícil quando se age individualmente.

A apicultura, por se tratar de uma atividade de fácil manutenção e com baixo custo inicial, comparando-a com as demais atividades agropecuárias, está despertando um crescente interesse em diversos segmentos da sociedade (GOLYNSKI, 2009). Assim, essa atividade ganha destaque como alternativa de emprego, renda e ocupação para o homem que interage com o campo, uma vez que a cadeia produtiva de tal atividade proporciona a criação de postos de trabalho e fluxos de renda praticamente o ano todo. Quanto à localização em que praticam a atividade apícola, os respondentes desta pesquisa declaram que por a maioria residir na zona rural, 78,8% não precisam sair das propriedades aonde residem para fazer isso. Enquanto 21,2% não residem no local aonde desenvolvem a atividade, entretanto alegam não precisarem sair do município para tal.

Segundo os associados, o clima da região é bastante favorável para a criação de abelhas. Existe uma gama variada de plantas que contribuem para isso. E através de relatos nas entrevistas, foi possível perceber que praticamente todos conhecem a vegetação local e a melhor flora para se beneficiar de todo o potencial apícola da região. Sendo assim, nenhum deles acredita que seja necessário se deslocar para outros lugares com o intuito de desenvolverem suas atividades apícolas. De acordo com Lima (2005), “a Região Nordeste do Brasil vem apresentando nos últimos anos um crescimento bastante expressivo no setor da apicultura, por causa do seu elevado potencial para essa atividade”. Dessa forma, fica claro que nessa região é fundamental o conhecimento da vegetação local já que a exploração apícola é baseada na flora silvestre (LIMA, 2005).

Quando os associados foram questionados sobre as atividades agrícolas de maior preferência, todos pareceram optar pelas atividades mais rentáveis de acordo com suas particularidades. Assim sendo, foi constatado que 36,4% dos produtores acreditam que a apicultura é a atividade mais rentável para a sua realidade. Enquanto atividades como bovinocultura e caprinovinocultura tiveram 12,2% de escolha, cada uma. 24,2% dos associados acreditam que atividades que exploram as culturas de sequeiro são mais rentáveis, enquanto 9% preferem a fruticultura e 6% optaram pela aquicultura. Esses dados só enfatizam ainda mais a percepção de o quanto a apicultura é extremamente importante para essa região e o quanto os próprios apicultores estão cientes e satisfeitos com o desenvolvimento dessa atividade.

A apicultura se tornou uma atividade coletiva e familiar que promove a preservação ambiental, assim como também uma atividade importante no setor econômico das famílias, já que 63,6% afirmam que a atividade da apicultura é lucrativa, enquanto 24,2% acredita ser uma atividade muito lucrativa. Por outro lado, 9,2% considera a apicultura uma atividade pouco lucrativa enquanto 3% alegaram que a atividade apenas cobre os próprios custos, e ao serem questionados sobre os fatores que baseavam tal resultado, alguns relataram que estão na fase inicial de seus apiários, passaram por épocas de estiagem, enquanto outros relataram terem passado por alguns furtos nas propriedades apícolas.

Dando continuidade, 88% dos apicultores declararam que atualmente produzem o mel e a cera em seus apiários. Isso significa uma grande maioria, já que apenas 6% produzem apenas o mel e 3% produzem o mel, a cera e a polinização. Assim como também 3%

produzem o mel, a cera e a própolis. Desse modo, se por um lado é evidenciado que todos os 33 associados produzam o mel, por outro lado fica claro que a maioria deles ainda não está explorando todo o potencial dos outros produtos também derivados das abelhas, como a geleia real e a apitoxina. Em conformidade com o SENAR (2010), o autor cita que “o mel, o pólen, a própolis, a geleia real, a cera, a apitoxina (veneno das abelhas para uso medicinal), produzidos dentro de normas tecnicamente corretas, têm boa aceitação no mercado consumidor e proporcionam rendimentos econômicos compensadores”. Fica evidente que existem inúmeras maneiras de se obter sucesso por meio da apicultura. Mas isso só é possível se essa atividade for tratada com a devida atenção, trazendo muitos benefícios para os produtores da região.

No que se refere aos instrumentos necessários para o manejo apícola, 100% dos associados afirmaram possuir todos que são necessários. Desde fumigador, Indumentária (EPI), formão, material de combustão (maravalha), vassourinha, estão sempre à disposição dos produtores. Todos os entrevistados se mostraram conscientes na importância desses instrumentos para que o manejo não se torne muito artesanal e isso respingue de forma negativa no produto. De acordo com informações da EMBRAPA (2014), o manejo correto desses itens pelo apicultor é de grande importância, para que possam garantir a produção racional e a segurança de quem está manejando as colmeias, assim como preservar também as abelhas.

Quanto à produção, foram analisados os dados anuais de cada apicultor, e apesar de o pesquisador não ter alcançado informações altamente precisas, é possível notar, por meio da Tabela 5, que a produção é bastante elevada.

Tabela 5 – Produção de mel anual por apicultor.

Ano	2016		2017		2018	
	FR	FA	FR	FA	FR	FA
Quantidade em Kg						
0 kg	3%	1	0%	0	0%	0
1 a 50 kg	6%	2	12%	4	0%	0
51 a 100 kg	15,2%	5	9,3%	3	9,3%	3
101 a 200 kg	27,3%	9	39,5%	13	12%	4
201 a 300 kg	12%	4	6%	2	21%	7
301 a 400 kg	9,3%	3	3%	1	15,1%	5
401 a 500 kg	12%	4	15,2%	5	3%	1
501 a 600 kg	0%	0	6%	2	6%	2
601 a 700 kg	0%	0	0%	0	12%	4
701 a 800 kg	0%	0	0%	0	9,3%	3
801 a 900 kg	0%	0	0%	0	3%	1
901 a 1000 kg	0%	0	3%	1	0%	0
Acima de 1000 kg	15,2%	5	6%	2	9,3%	3
Total	100%	33	100%	33	100%	33

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Tem-se que em 2016, 27,3% dos apicultores conseguiram produzir entre 101kg a 200kg de mel. E se mantiveram dentro dessa produção no ano de 2017, quando 39,5% alcançaram essa faixa de produção. Já no ano de 2018 a produção se elevou e 21% dos apicultores conseguiram produzir entre 201 a 300kg de mel em seus apiários. Entretanto, foi

identificado através dos dados apurados nas entrevistas que o melhor ano de produção dos associados foi o ano de 2016, com uma média aritmética simples de 538kg de mel produzidos no total. Enquanto no ano de 2017 e 2018 foram produzidos 350,6kg e 482,8kg de mel respectivamente. Quanto a essas baixas na produção, os associados alegam que houve um grande período de estiagem que acabou diminuindo a produção das abelhas, e sendo também agravado pela incidência de furtos nos apiários.

Os dados deixam evidente que mesmo com a pouca qualificação que os apicultores possuem em relação às práticas da atividade apícola, além da falta de acompanhamento técnico e bem como das dificuldades econômicas das famílias, ainda assim eles conseguem boas produções em seus apiários. O que reforça a questão da viabilidade da apicultura na região do município de Aparecida e ainda valida a ideia de que os produtores podem aumentar ainda mais suas produções. Nas últimas décadas, as pesquisas científicas aplicadas à apicultura brasileira têm sido numerosas e com grande qualidade, o que possibilita o aumento da produtividade dos apiários (BATISTA JÚNIOR, 2013). Porém, ainda assim, todos os apicultores afirmam que conseguiram reter muitos conhecimentos graças às atividades que exercem junto à apicultura e através dos benefícios disponibilizados pela associação ASPA.

CONCLUSÕES

O presente trabalho abordou a temática da economia solidária na atividade apícola, visualizando sua importância para quem a desenvolve, para o meio ambiente e para a comunidade. O principal objetivo da pesquisa foi investigar a cadeia de produção apícola protagonizada pela Associação dos Apicultores do Alto Sertão Paraibano – ASPA no Município de Aparecida/PB a partir dos indicadores socioeconômicos e produtivos.

Identificou-se que a ASPA é uma associação sem fins lucrativos, organizada em cargos administrativos onde seus representantes são escolhidos democraticamente. Além disso, não é permitido que a associação distribua seu patrimônio nem mesmo para os sócios, porém, o mesmo deve ser aplicado na consecução do respectivo objeto social. Mesmo assim, a associação proporciona ao homem do campo uma fonte de renda, disponibiliza técnicas e conhecimentos através de atividades apícolas.

Quanto aos associados, a maioria homens casados que possuem entre 41 a 50 anos e residentes no município de Aparecida/PB e região, boa parte não conseguiu terminar o ensino fundamental. Importante salientar que a maioria deles já desenvolvia atividades agrícolas desde muito cedo, sendo estimulados pelos pais, e que mais da metade reside no mesmo local aonde desenvolve suas atividades, tendo a apicultura como a principal delas.

A cadeia produtiva apícola da ASPA conta com apicultores que estão há quase 15 anos exercendo a atividade e, mesmo obtendo interesse em outras fontes de renda, já consolidaram a apicultura como sua atividade econômica mais importante. A flora local e o clima da região propicia um bom ambiente para o desenvolvimento da apicultura, permitindo que os apicultores obtenham mel, cera, polinização e própolis de forma sustentável, produzindo uma média entre 350,6kg a 538kg de mel nos últimos três anos [2016, 2017 e 2018], o que torna a atividade lucrativa, embora aqueles apicultores ainda não sejam capazes de produzir demais produtos como geleia real e a apitoxina.

E mesmo tendo capacitações que visam aprimorar as técnicas e o manejo dos apicultores frente as suas produções, ainda se faz necessário uma maior atenção na potencialidade da produção de outros produtos derivados das abelhas que também beneficiariam a associação de maneira bastante significativa.

Em relação aos problemas enfrentados pelos associados, os mais recorrentes referem-se à falta de mercado na região, impossibilitando uma maior valorização econômica dos

produtos, além da falta de assistência técnica recorrente para a produção e a baixa qualificação que a maioria dos produtores tem.

Após a análise dos resultados, percebeu-se que mesmo a ASPA conseguindo atingir seus objetivos, algumas ações poderiam ser exercidas para que os apicultores pudessem utilizar a apicultura de maneira mais proveitosa.

Nesse contexto, é sugerido que a associação introduza planos de avaliação de desempenho para que os produtores possam analisar suas práticas de trabalho e assim propiciar melhorias em suas técnicas, além de incentivar a anotação e documentação com acompanhamento assíduo na cadeia de produção individual dos produtores a fim de evitar equívocos na viabilidade das informações. Elaborar e disponibilizar materiais didáticos que apresentem tanto a trajetória da associação desde a sua fundação, como também manuais técnicos que possam ser consultados diante de possíveis dúvidas.

Diante dessa pesquisa, é esperado que este estudo possa servir para aprimorar a compreensão a respeito do tema da economia solidária, principalmente a apicultura, a fim de que outros trabalhos científicos possam abordar a atividade apícola tão importante e ao mesmo tempo tão pouco explorada em nossa região. Sugere-se, por fim, para o curso de Administração da UFCG-CCJS, que o mesmo possa promover aos alunos de forma mais aprofundada estudos dentro da temática da economia solidária, pouco vista durante o curso, principalmente pela importância de incentivar discentes e docentes para o enfoque em atividades sustentáveis.

REFERÊNCIAS

BORINELLI, Benilson; SANTOS, Luis Miguel Luzio do; PITAGUARI, Sinival Osório. **Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

BATALHA, Mário Otávio. **Gestão Agroindustrial.** 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2009.

BATISTA JÚNIOR, José Lima. **Impacto Econômico e Social da Apicultura na Agricultura Familiar do Território do Sisal, Semiárido da Bahia.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Bahia-UFBA, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14419/1/T_CC%2020-08-2013%20pronto.%20\(3\).pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14419/1/T_CC%2020-08-2013%20pronto.%20(3).pdf)>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

CAMARGOS, Ana Amelia Mascarenhas. **Direito no Trabalho no Terceiro Setor.** São Paulo: CESAR, A. M. R. V. C.; ANTUNES, P. D. M. T. P.; VIDAL, P. G. **Método do Estudo de Caso em Pesquisas da Área de Contabilidade: uma comparação do seu rigor metodológico em publicações nacionais e internacionais.** Revista de informação contábil (UFPE), v. 4, p. 42-64, 2010.

CARDOSO, Univaldo Coelho; CARNEIRO, Vânia Lúcia Nogueira; RODRIGUES, Édna Rabêlo Quirino. **Associação.** Brasília: Sebrae, 2014.

GANANÇA, Alexandre Ciconello. **Associativismo no Brasil: Características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática participativa.** 2006. 144f. Mestrado em Ciência Política - Universidade de Brasília - Instituto de ciência política, Brasília, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOLYNSKI, Adelmo. **Avaliação da Viabilidade Econômica e Nível Tecnológico da Apicultura no Estado do Rio De Janeiro**. Disponível em: <http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/PRODVEGETAL_3434_1271075845.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

KASSOUF, Ana Lúcia; SANTOS, Marcelo Justus dos. **Trabalho infantil no meio rural brasileiro: evidências sobre o "paradoxo da riqueza"**. Econ. Apl., Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 339-353, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502010000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de junho de 2019.

LIMA, Claudia. **Boas práticas em economia solidária no Brasil**. Brasília: Fórum Brasileiro de Economia Solidária, 2016.

LIMA, Sirlei Aparecida Milano de. **A Apicultura como Alternativa Social, Econômica e Ambiental para a XI Mesorregião do Noroeste do Paraná**. 2005. 96 f. 2 – 87. Dissertação (Pós-graduação em Engenharia Florestal) - Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.

MAGALHÃES, Ediney de Oliveira; BORGES, Ivana Leite. **Apicultura Básica**. Bahia: CEPLAC/CENEX, 2012.

MEC. **Presidente Lula entrega campi de universidades e institutos federais**. Ministério da Educação – MEC, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16096>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Economia Solidária**. 2015. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria>>. Acesso em: 22 out. 2018.

NETO, Francisco Leandro de Paula; NETO, Raimundo Moreira de Almeida. **Apicultura Nordestina: Principais mercados, riscos e oportunidades**. (Série Documentos do ETENE, n. 12). Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

PITAGUARI, Sinival Osório; LANZA, Líria Maria Bettiol; CORDEIRO, Sandra Maria Almeida. **A sustentabilidade da Economia Solidária: Contribuições Multidisciplinares**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

SEBRAE/PB. **Apicultura paraibana**. Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas da Paraíba. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2006.

SENA, Talita Marques. **Associação de Produtores Rurais: Uma forma de organização e desenvolvimento local**. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/includere>>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

SENADO FEDERAL. **Código civil brasileiro e legislação correlata**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

SENAR. **Mel: manejo de apiário para produção do mel / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural**. -- 2. ed. Brasília: SENAR, 2010. Disponível em:

<<http://wp.ufpel.edu.br/apicultura/files/2010/05/Manejo-do-Mel.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2019.

SILVA, Edinilson Augusto da. **Apicultura sustentável: produção e comercialização de mel no sertão sergipano**. 2010. 176f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

SILVA, Sandro Pereira. **Análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos de economia solidária no Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017.

_____. **Território e estruturas de mercado para produtos tradicionais**. Revista Isegoria, v. 1, n. 2, 2012.

SILVA, Sandro Pereira; NAGEM, Fernanda Abreu. **A economia solidária na agenda das políticas públicas nacionais: uma análise do Programa Economia Solidária em Desenvolvimento**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2011.

SOUSA, Luci Cleide Farias Soares et. al. **Cadeia produtiva da apicultura: Coopil - Cooperativa da micro-região de Catolé do Rocha/PB**. In: Informativo técnico do semi-árido. Pombal, v. 5., n. 1., p. 16-24, janeiro/dezembro de 2012.

VIDAL, Maria de Fátima. **Efeitos da Seca de 2012 Sobre a Apicultura Nordestina**. Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE: Informe Rural, ano VII, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/ire_ano7_n2.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2019.